**(A)feto, de Renato Cândido | SP**

Por Noah Mancini

O filme trata do processo de pintura de um muro na quebrada pelo artista Jards. A poética se configura em dois ambientes de afetação: a rua e a casa.

Em casa, o estudo, processo artístico acompanhado. Imagens do ateliê, de uma dimensão embrionária da criação, momentos de reflexão. Retrato familiar, espaço íntimo e de pausa para pensar, tempo para pintar.

Na rua, as reações dos passantes, fazência compartilhada. Tentativas de interpretações narrativas por parte dos espectadores que buscam identificar signos conhecidos, algo que o esboço denuncia mas não entrega. “É isso?”, “É aquilo?”. O próprio autor se recusa a definir o que faz com a forma no muro.

Detalhe para um amigo que chega em um carro antigo para ver a pintura. Ele é desinibido com as câmeras, fornece um impulso cômico em seu nato entusiasmo pela cultura e pelo trampo do parceiro, e nessa amizade também estende o curta para outros laços afetivos.

Os signos do grafite são o seguinte:

Há três personagens, da esquerda para a direita: uma mulher, um feto, e um velho senhor. Do feto brota um cordão umbilical que se encaminha para a figura materna. Atrás de ambos, o ancião de longas barbas os contempla. Linhas pretas contornam toda a ilustração, trazendo relevo às figuras vermelhas, como corpo vivo, carne pulsante, sistema nervoso muscular, essência da matéria humana, a gênese da vida.

Entre o doméstico e o público mais particularidades do labor: a têmpera do ovo na pintura, a despressurização do spray, detalhes da feitura apresentados como pequenas confissões.

Através desse retrato de processo, podemos nos aproximar mais do trabalho de um artista urbano, perceber que o tempo para algo estar pronto demanda mais tempo do que parece, nos surpreender com os rumos tomados de um trabalho que até então não imaginávamos. A repetição para a formalização da matéria necessita paciência. Com o passar do tempo, quando vemos o mural já está quase no fim, assim como os ciclos da vida.

**Marcelo, de Davi Victor e Saulo Nicolai | RJ**

Por Noah Mancini

O vendedor ambulante e em situação de rua Marcelo de Souza Lima mora em uma barraca no Rio de Janeiro. Possui utensílios de cozinha improvisados, se desloca todo dia para vender côco e outros produtos na praia. O filme mostra gradativamente esse cotidiano em pequenos cortes e diferentes locações do Rio, como a baía de Botafogo, seus marujos *bon-vivants* e a vista para o Pão de Açúcar, a estátua do Cristo, a avenida, a passarela e os carros passantes. Cartões postais perpetrados nacionalmente, a venda do paraíso nos trópicos, paisagem constantemente maquiada. Para além disso, a continuidade desse lugar comum se dá pelo movimento dos corpos na cidade: da periferia ao centro, da colônia à metrópole, lógica urbana que ainda opera na capital do estado - e no Brasil inteiro - modulando nossas rotas cartográficas.

A fotografia do vídeo ressalta a beleza carioca, uma duvidosa benção do Cristo Redentor abate a cidade maravilhosa, cheia de encantos vis, coração de um Brasil inenarrável. O primor plástico contrasta com a feiura da pobreza que por sua vez é mais dolorosa que qualquer palavra.

Areia, carroça, sol, trabalho. O sino da igreja faz belém blem blem, o buraco é mais embaixo.

A capoeira atravessa o vídeo como fio condutor da narrativa. A ginga na ludicidade da dança media relações outras, travadas na crueza da realidade, A câmera gira com um aú, e gira de novo, acompanhante do corpo-movimento e da perspectiva do principal sujeito, Marcelo.

Não há depoimento no filme: apenas uma canção entoada pelo documentado. Ele clama ao seu divino também. Com o berimbau à beira -mar, a voz canta injustas verdades. Sem muito dizer, com sons e imagens, em três minutos e pouco o curta imprime o retrato de uma vida.

Um filme sobre, e não de.

Tanta coisa para apreender, precisei voltar para rever.